

BANCO CENTRAL DO BRASIL

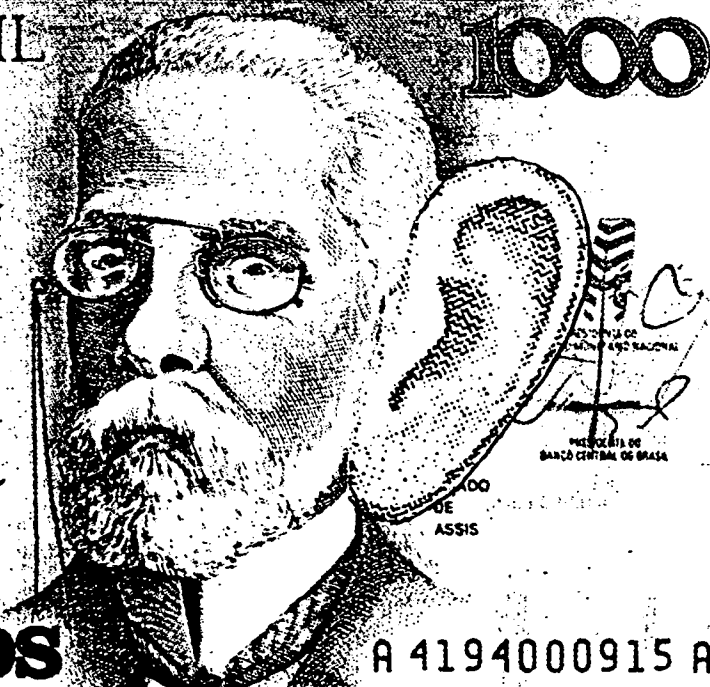
A 4194000915 A

*Vi aqui com o Cabrito,
o tempo de trabalho, a guerra de
Hofstadter e de Fleming, mais pelo
que pensa, pela história, e a
de suas ideias, de Chaplin, e
de logo.*

*La... que
andam por lá. A alta, com as pe-
stificadas, e grandes imortais.*

DEUS SEJA LOUVADO

**1000 MIL
CRUZADOS**



M. PASTOR DE ASSEMBLEIAS

ELIZABETH

89 Governo põe a culpa no mercado

BRASÍLIA — As autoridades econômicas não gostam de dar nomes aos agentes da boataria. Dizem, em conversas reservadas, que os boatos são gerados principalmente pelos seis principais investidores do mercado financeiro, que jogam informações falsas no mercado ao sabor de seus interesses de puxar o preço dos papéis para baixo ou para cima.

No dia 18 de agosto, uma quinta-feira, conforme história revelada por importante autoridade econômica, a boataria nacional teve como protagonista principal alguém de fora do mercado: nada menos que o governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco. O governador telefonou para o presidente do Banerj, Jor-

ge Hilário Gouvea, e passou-lhe a seguinte determinação: "Prepare o banco que amanhã (sexta-feira) será feriado bancário".

De acordo com o relato da fonte governamental, Jorge Hilário, tido como um profissional prudente, telefonou a um seu amigo do departamento de jornalismo da Rede Globo de televisão para verificar a veracidade da informação. Foi o que bastou.

Na definição de um habitante do Palácio do Planalto, boato é algo que nasce nas mesas de open do Rio e São Paulo para morrer no final da tarde, em Brasília, com uma declaração do porta-voz da Presidência. A geografia do boato

em Brasília aponta para três lugares: Palácio do Planalto, assessoria direta dos ministros e Congresso Nacional. É nos ministérios econômicos que o processo provoca maior irritação. As notícias começam a chegar cedo, logo após a abertura do mercado financeiro. São de três gêneros principais: queda do Mailson; choque seguido de congelamento; pacote sobre um tema específico. Na falta de circunstâncias que deem cunho de veracidade para pacotes ou congelamento, a demissão do ministro da Fazenda é acionada.

Os assessores do ministro, que no começo da gestão respondiam com negativas enfáticas às perguntas sobre a boataria, agora

mutaram de tática: evitam dar chancela oficial aos desmentidos; riem quando se trata de informações sobre uma possível mididesvalorização do dólar; irritam-se profundamente quando se trata de congelamento. Esse tema é o que mais perturba Mailson, que credita parcela do nível da inflação à expectativa criada com estas informações. Do ministro também parte o cuidado de evitar desmentidos formais. Numa quinta-feira de agosto, um colega de ministério telefonou a Mailson, sugerindo que ele acabasse com os boatos sobre congelamento soltando uma nota oficial. Mailson explicou ao ministro que não tomaria tal atitude porque acabaria "não fazendo outra coisa".